

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.
Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000
São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (011) 816-6777

Copyright © Editora 34 Ltda. (edição brasileira), 1997
© Vadim Guerchevitch Perelmouter, 1989

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTA LIVRO É ILEGAL, E CONFIGURA UMA
APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:
Bracher & Malta Produção Gráfica

Revisão:
Adma Fadul Muhana

1ª Edição - 1997

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro
(Fundação Biblioteca Nacional, RJ, Brasil)

Krzyzanowski, Sigismund
O marcador de página / Sigismund Krzyzanowski;
tradução de Maria Aparecida B. Pereira Soares — São
Paulo : Ed. 34, 1997
160 p.

ISBN 85-7326-064-5

I. Contos russos. I. Soares, Maria
Aparecida B. Pereira. II. Título.

CDD - 813
CDU - 820(73)-3

O QUADRATURIN

1

Ouviu-se uma batida fraca na porta pelo lado de fora: uma vez. Pausa. De novo — um pouco mais alto e ossudo: duas vezes.

Sem se levantar da cama, Sutúlin espichou, com um gesto costumeiro, a perna na direção do ruído e empurrou a maçaneta da porta com o pé. A porta abriu com força. Na soleira, a cabeça tocando a verga da porta, estava um homem alto, cinzento como a claridade crepuscular que entrava pela janela.

Sutúlin nem teve tempo de tirar os pés da cama e o visitante já havia entrado e fechado sem ruído a porta. Esbarrou com a pasta que trazia embaixo do seu braço longo e simiesco numa parede, depois na outra, e disse:

— É o que eu pensava: uma caixa de fósforos. *

— Como?

— Estou dizendo que seu quarto é uma caixa de fósforos. Quantos metros tem?

— Oito e alguma coisa.

— Pois é isso. Me permite?

Sutúlin não teve tempo de abrir a boca e o visitante já estava sentado na cama, abrindo apressadamente a pasta estufada, de tão cheia. Abaixando a voz, quase num sussurro, o estranho continuou:

— Tenho algo a lhe propor. É o seguinte: eu, ou melhor, nós, produzimos... como direi... bom, fazemos experiências. É mais ou menos isso. Por enquanto é segredo. Não vou esconder: há uma importante firma estrangeira interessada no nosso negócio. O senhor está procurando o interruptor? Não é preciso, não vou me demorar. Mas, como ia dizendo, foi descoberta — por enquanto isto é segredo — uma substância para aumentar a área dos quartos. Não quer ver?

Emergindo da pasta, a mão do desconhecido estendeu a Sutúlin uma bisnaguinha fina e escura, semelhante às bisnagas comuns de tinta, fechada fortemente com uma tampinha chumbada. Sutúlin girou a bisnaguinha escorregadia nos dedos sem saber o que fazer e, embora o quarto estivesse quase escuro, conseguiu ler no rótulo a palavra “Quadraturin”, nitidamente impressa. Levantou os olhos, que toparam com o olhar imóvel e fixo do interlocutor.

— Então, vai ficar com essa? O preço? Tenha a bondade, é grátis, para propaganda. Só uma coisinha — e o visitante pôs-se a folhear agilmente um livrinho desses de escritório, que tirou da pasta —, peço-lhe uma simples assinatura no livro de agradecimentos (uma breve declaração, por assim dizer). Lápis? Aqui está um lápis. Onde? Aqui, terceira coluna. Está ótimo.

Fechando ruidosamente a assinatura, a visita endireitou-se, deu as costas bruscamente e dirigiu-se para a porta. Passado um minuto, Sutúlin girou o interruptor e, com as sobrelhas perplexamente levantadas, ficou examinando as letras nítidas e salientes: Quadraturin.

Depois de um exame mais atento, verificou que a bisnaguinha de zinco estava envolta num papel fino e transparente, com as extremidades habilmente coladas uma na outra, como os fabricantes de produtos patenteados costumam fazer. Su-

túlin tirou o invólucro de papel do Quadraturin, desdobrou o texto que envolvia o tubinho, visível através do papel transparente, e pôs-se a ler:

Modo de usar

Dissolver a essência de Quadraturin na proporção de uma colher de chá para um copo de água. Molhar um chumaço de algodão ou um pedaço de pano limpo na solução e passar nas paredes internas do cômodo que se quer aumentar. O produto não deixa manchas, não estraga o papel de parede e ainda, como efeito secundário, ajuda a combater os percevejos.

Até então, Sutúlin só estava perplexo. Agora, a perplexidade começava a somar-se a outra sensação, inquietante e aguda. Levantou-se e tentou caminhar de um canto a outro, mas os cantos de sua gaiola eram demasiadamente próximos um do outro: quase que o passeio se resumia a meias-voltas, das pontas dos pés para os calcanhares e no sentido inverso. Sutúlin interrompeu bruscamente o passeio, sentou-se e fechou os olhos, entregando-se a pensamentos que começavam assim: e o que, se?... e se?... e se de repente?... À esquerda, a uma distância de pouco menos de um metro do seu ouvido, alguém estava pregando um gancho de ferro na parede, e volta e meia o martelo escapulia com estrondo, parecendo que ia bater direto na sua cabeça. Apertando as têmporas com as mãos, ele abriu os olhos: a bisnaguinha preta jazia sobre a mesinha estreita, que conseguira a proeza de se meter entre a cama, o parapeito da janela e a parede. Sutúlin quebrou o lacre de chumbo, a tampinha desatarrachou-se e saiu. Do burquinho redondo exalou um

ANÚNCIO
DAS REVISTAS

DISCUSSÃO
IMPERSONAL +
CÔMODO

ESPAÇO

cheiro picante e levemente amargo que dilatava agradavelmente as narinas.

— Bem. Vamos experimentar. Quem sabe?...

Tirando o paletó, o proprietário do Quadraturin deu início à experiência. Deslocou o tamborete para perto da porta, colocou a cama no meio do quarto e empilhou a mesa sobre a cama. Empurrando um pratinho com o líquido transparente e levemente amarelado, Sutúlin começou a arrastar-se pelas tábuas do assoalho. Molhava sistematicamente no Quadraturin seu lenço enrolado num lápis e passava-o ao longo das tábuas e dos desenhos do papel de parede. Como dissera o visitante daquele dia, o quarto era realmente uma caixa de fósforos, mas Sutúlin trabalhava devagar e com cuidado, procurando não deixar nenhum cantinho sem receber o preparado. Isto era bastante difícil, pois o líquido evaporava instantaneamente, ou era absorvido (ele não conseguia entender), sem deixar o menor vestígio. Mas o cheiro, cada vez mais forte e picante, tonteava a cabeça, embaralhava os dedos e fazia tremer um pouco os joelhos grudados no chão. Quando terminou as tábuas do assoalho e a parte de baixo das paredes, Sutúlin levantou-se sobre as pernas pesadas e estranhamente enfraquecidas e continuou a trabalhar em pé. De vez em quando era preciso acrescentar mais essência e o tubinho pouco a pouco foi se esvaziando. Do outro lado da janela já era noite. À direita, na cozinha, ouviu-se o ruído da tranca. Os moradores preparavam-se para dormir. Tentando não fazer barulho, o experimentador subiu na cama e, da cama, na mesa bamboleante, com o resto da essência na mão: faltava quadraturinizar o teto. Mas nesse momento começaram a esmurrar a parede:

— Que é que estão fazendo aí!? Tem gente dormindo, e esse...

Ao se virar para o lado de onde vinha o som, Sutúlin

fez um movimento desajeitado: o tubinho escorregadio escapuliu de sua mão e caiu no chão. Equilibrando-se com cuidado, Sutúlin desceu com o pincel seco na mão, mas já era tarde. O tubinho estava vazio e ao seu redor havia uma mancha que exalava um odor atordoante e evaporava rapidamente. Cansado, agarrou-se à parede (à esquerda, os descontentes novamente se agitavam), reuniu suas últimas forças e recolocou as coisas nos seus lugares. Depois meteu-se de roupa e tudo na cama. Imediatamente um sono pesado desabou sobre ele: a bisnaga e o homem estavam vazios.

2

Duas vezes sussurravam. Depois foram subindo a escala de intensidade: de *piano* a *mezzo forte*, de *mezzo forte* a *forte fortissimo* — e arrebentaram com o sono de Sutúlin.

— Mas que absurdo!... Esses moradores escondidos embaixo da saia... E o berreiro que eles fazem?!

— Não posso jogar na lixeira...

— Não me interessa! Já disse aos senhores: nem cachorros, nem gatos, nem crianças... — depois disso seguiu-se um *fortissimo* tal, que o sono de Sutúlin foi-se embora de uma vez. Ainda sem abrir as pálpebras costuradas pelo cansaço, num gesto habitual estendeu a mão para a beirada da mesa, onde costumava ficar seu relógio. Foi aí que a coisa começou: a mão esticou por muito tempo, tateando o ar — não havia nem relógio, nem mesa. Imediatamente Sutúlin abriu os olhos. No instante seguinte estava sentado na cama, perdido, olhando o quarto. A mesa, que costumava ficar ali, junto à cabeceira, tinha se movido para o meio de um quarto vagamente familiar, amplo mas desajeitado.

REALISMO

TEMPO

SEZON SPYGLINO

Todas as coisas eram as mesmas: o tapetinho puído e curto, que se arrastara para a frente acompanhando a mesa, as fotografias, o tamborete e os desenhos amarelos no papel de parede — mas elas estavam estranhamente separadas e distribuídas pelo cubo alargado do quarto.

“O Quadraturin! Mas que poder!” — pensou Sutúlin.

E imediatamente começou a arrumar os móveis no novo espaço. Mas nada dava certo: o tapetinho curto, colocado de volta junto aos pés da cama, desnudou as tábuas descascadas do assoalho; a mesa e o tamborete, que de hábito ficavam espremidas junto à cabeceira, deixaram livre um canto vazio, cheio de teias de aranha, e puseram à mostra toda sorte de rasgões que antes ficavam habilmente mascarados pelos cantos apertados e pela sombra da mesa. Embora um pouco assustado, Sutúlin inspecionava com um sorriso triunfante sua nova superfície quase elevada ao quadrado, examinando cuidadosamente cada minúcia, quando notou aborrecido que o quarto aumentara de maneira não inteiramente proporcional; o canto da frente ficou rombudo e empurrou a parede meio enviesadamente; nos cantos internos, pelo visto, o Quadraturin agiu menos. Por mais que Sutúlin tivesse tido cuidado ao espalhar o produto, a experiência dera resultados levemente desiguais.

O apartamento pouco a pouco acordava. Perto das portas, pessoas iam e vinham. A porta do lavatório bateu. Sutúlin aproximou-se da entrada e girou a chave para a direita. Depois, com as mãos nas costas, experimentou andar de um canto a outro: conseguiu! Começou a rir alegremente. Veja só, até que enfim! Mas logo pensou: podem ouvir os passos — lá atrás das paredes — à direita, à esquerda, ao fundo. Ficou um minuto imóvel, depois abaixou-se rapidamente (nas têmporas repentinamente voltou a dor aguda da véspera), tirou os sapatos e entregou-se ao prazer do passeio, caminhando silenciosamente só de meias.

— Posso entrar?

Era a voz da senhoria. Ele se aproximou da porta e já ia pegando na chave, quando se lembrou: não podia.

— Estou me vestindo. Espere um momento. Já vou sair.

“Está tudo bem, mas está ficando complicado. Digamos que eu tranque a porta e leve a chave comigo. E o buraco da fechadura? Depois, tem a janela: é preciso colocar uma cortina. Hoje mesmo.” A dor nas têmporas ficava cada vez mais concentrada e persistente. Sutúlin reuniu apressadamente seus papéis. Hora de sair para o trabalho. Vestiu-se. Enfiou a dor dentro do gorro. Escutou junto à porta: ninguém. Abriu e saiu com rapidez. Deu uma virada rápida na chave. Pronto.

No hall, a senhoria esperava pacientemente.

— Queria falar com o senhor sobre a... como é o nome dela? Imagine que ela fez um requerimento à Comissão de Moradia, alegando que...

— Ouvi falar. O que mais?

— O senhor não tem problemas. Não poderá ter mais do que oito metros quadrados. Mas ponha-se no meu lugar...

— Tenho pressa.

E ele sacudiu o gorro enquanto corria escada abaixo.

3

Ao voltar do trabalho, Sutúlin parou diante da vitrine da loja de móveis: a longa curvatura do divã, a mesa elástica redonda... Seria bom, mas como introduzi-los por entre olhares e perguntas? Vão desconfiar, é impossível que não desconfiem...

Teve de se limitar à compra de um metro de tecido amarelo-canário (pelo menos a cortina). Não entrou no restaurante: não tinha fome. Precisava voltar para casa depressa —

lá tudo seria mais fácil: pensar calmamente, olhar em volta e adaptar-se. Sutúlin introduziu a chave na fechadura da porta do seu quarto e olhou para os lados — não estariam olhando? Não. Deu um passo para dentro. Acendeu a luz e ficou um longo tempo de pé, com as mãos espalmadas na parede, o coração batendo desordenadamente: *isto ele não tinha previsto* — absolutamente não.

O Quadraturin *continuava* a agir. Em oito ou nove horas, enquanto o inquilino esteve fora, ele conseguiu recuar as paredes dois metros ou mais; esticadas por tirantes invisíveis, as tábuas do assoalho começaram a soar ao primeiro passo, como tubos de um órgão. Alongado e monstruosamente revirado, aquele quarto começava a dar susto e angústia. Sem tirar o sobretudo, Sutúlin sentou-se no tamborete e ficou olhando a ampla caixa que lhe servia de casa: parecia um caixão e causava uma sensação de esmagamento. Tentava compreender o motivo do inesperado efeito, quando se lembrou — não tinha passado o líquido no teto: a essência fora insuficiente. A caixa-moradia cresceu apenas no comprimento e na largura; não aumentou nem uma polegada para cima.

“Pare! É preciso fazer parar esse tal de Quadraturin. Ou então eu...” Ele comprimiu as têmporas com as palmas das mãos e ficou sentindo a dor corrosiva que se introduzira no seu crânio ainda pela manhã e continuava a girar uma verruma lá dentro. Embora as janelas da casa em frente estivessem escuras, Sutúlin escondeu-se delas com o pano amarelo da cortina. A cabeça não parava de doer. Ele se despiu sem fazer barulho, apagou a luz e deitou-se. No início, teve um sono curto, depois foi despertado por uma sensação de desconforto. Cobriu-se melhor com o cobertor e tornou a dormir, mas novamente aquela impressão desagradável de falta de apoio misturou-se com os sonhos. Ergueu-se escorando na palma

de uma das mãos e, com a outra, bateu ao seu redor: não havia paredes. Riscou um fósforo. E essa agora! Soprou a chama e abraçou os joelhos tão fortemente que os cotovelos chegaram a estalar. “Está crescendo, maldito, está crescendo!” Com os dentes cerrados, Sutúlin levantou-se e, esforçando-se para não fazer ruído, moveu cuidadosamente a cama para perto da parede que fugia, empurrando primeiro a cabeceira, depois os pés. Sentiu um friozinho. Sem acender a luz, foi buscar o sobretudo para agasalhar-se melhor, mas não havia gancho no lugar onde havia na véspera e ele teve de vasculhar por alguns segundos a parede, até suas mãos tocarem a pele do casaco. Depois disso, nessa noite tão longa e aborrecida como a dor nas têmporas, por duas vezes Sutúlin encostou a cabeça e os joelhos na parede, adormeceu e tornou a acordar. E cada vez ele tinha de arrastar os pés da cama. Fazia isso mecanicamente, sem irritação, como se estivesse morto. E embora ainda estivesse escuro, procurava não abrir os olhos — assim era melhor.

4

No dia seguinte, ao crepúsculo, Sutúlin chegou do trabalho, aproximou-se sem pressa da sua porta e, ao entrar, não ficou espantado nem horrorizado. Em algum ponto longínquo do teto estreito e baixo acendeu-se uma pequena e pálida lâmpada de dezesseis volts, cuja luz amarela mal atingia os cantos distantes e escuros da caserna enorme, morta e vazia, ainda recentemente, antes do Quadraturin, um cantinho tão apertado, mas tão seu, tão aconchegante e cálido. Sutúlin foi andando resignadamente na direção do quadrado amarelo da janela, estreito por causa da perspectiva, tentando contar os passos. De lá, da cama triste e timidamente

POLÍDIO
LONGO

AMCHAQA

DISCURSO
DIRETO

RELATISMO

ESLAGE

metida no canto perto da janela, cansado e apático, ele olhava através da dor perfurante o balançar das sombras nas tábuas do assoalho e no teto baixo e liso. “Aí está — espreme-se algo de um tubinho e tudo se multiplica: o quadrado duplica, o quadrado dos quadrados eleva-se ao quadrado. É preciso pensar depressa, ser mais rápido que ele, senão ele vai crescer e ultrapassar...” De repente ressoou uma batida na porta:

— Cidadão Sutúlin, o senhor está em casa?

Do mesmo lugar vinha a voz distante, abafada e quase inaudível da senhoria:

— Ele está em casa. Com certeza está dormindo.

Sutúlin ficou coberto de suor: “E se de repente não consigo alcançar a porta e eles abrem...” Tentando andar sem fazer ruído (eles que pensem que estou dormindo), caminhou muito tempo na escuridão até atingir a porta. Pronto.

— Quem é?

— Abra, ora, por que o senhor está trancado aí? É a Comissão de Reavaliação de Superfícies. Nós só vamos medir novamente e vamos embora.

Sutúlin ficou parado com o ouvido colado à porta. Do outro lado da tábua fina, botas pesadas pisavam o chão. Ele ouviu que falavam de cifras e dos números dos quartos.

— Agora aqui. Abra!

Com uma das mãos, Sutúlin agarrou a tomada da luz, tentando torcê-la como se torce a cabeça de uma ave: a tomada soltou algumas faíscas, depois fez craque, girou sem forças e ficou pendurada. Novamente esmurraram a porta:

— Como é que é!

Então Sutúlin girou a chave para a esquerda. Na moldura da porta destacou-se uma enorme silhueta negra.

— Acenda a luz.

— Está queimada.

Agarrando-se com a mão esquerda na maçaneta da porta e com a direita no emaranhado de fios, ele tentava tapar com seu corpo o espaço dilatado. A massa negra recuou um passo.

— Alguém tem fósforo? Me dá a caixa. Vamos dar nem que seja uma olhada. Para cumprir as regras.

De repente a senhoria pôs-se a desfiar sua ladainha:

— Mas que que tem aí para ver?! Ficar vendo oito vezes esses oito metros! Com a medição de vocês o quarto não vai ficar maior. O homem é sossegado, chegou do trabalho e se deitou, e vocês não deixam ele descansar: ficam medindo, medindo. Agora, já uns e outros não têm direito a espaço maior, e esses...

— É, tem razão — resmungou a massa negra. E, oscilando de uma bota imensa para a outra, com cuidado e quase com carinho puxou a porta para a claridade. Sutúlin ficou sozinho sobre as pernas que vergavam como se fossem de algodão, no meio da escuridão quadrangular que a cada segundo crescia e se afastava.

5

Sutúlin esperou os passos silenciarem, vestiu-se rapidamente e saiu para a rua. Eles virão outra vez, os da reavaliação, os da subavaliação, ou sabe-se lá quem. É preciso pensar numa solução, aqui, entre um cruzamento e outro. À noitinha o vento começou a soprar: ele agitava os ramos nus e congelados das árvores, balançava as sombras, assobiava nos fios e batia contra as paredes, como se quisesse derrubá-las. Protegendo dos golpes do vento sua dor lançante nas têmporas, Sutúlin caminhava, ora submergindo na sombra, ora mergulhando na claridade dos lâmpioes. De

repente, em meio aos trancos bruscos do vento, algo tocou levemente e com carinho o seu cotovelo. Virou-se. Sob as plumas que batiam nas bordas negras do chapéu, um rosto conhecido, com os olhos provocantemente semicerrados. Mal se ouvia entre os uivos do vento:

— Mas não me reconhece? Vai passando sem olhar! E faça uma reverência. Assim.

A figura leve que o vento atirava para trás, de pé sobre saltos pontiagudos e firmes, toda ela expressava rebeldia e disposição para a luta.

Sutúlin fez uma saudação puxando a aba do boné para baixo:

— Mas você ia embora! E ainda está aqui? Então alguma coisa atrapalhou...

— Foi. Isto aqui.

E ele sentiu um dedo de camurça tocar seu peito e voltar imediatamente para o regalo. Encontrou sob as plumas negras dançantes as pupilas estreitas e lhe pareceu que, mais um olhar, mais um toque, um golpe nas têmporas quentes, e aquilo sairia de sua cabeça, se dissiparia e acabaria. Nesse momento, ela aproximou seu rosto do dele e disse:

— Vamos ao seu quarto. Como antes. Lembra-se?

Imediatamente, tudo desmoronou.

— Ao meu quarto é impossível.

Ela procurou a mão que ele havia retirado e agarrou-a com os dedos de camurça.

— Meu quarto... não é bom — deixou ele escapar para o lado, retirando novamente a mão e o olhar.

— Você quer dizer: é apertado. Meu Deus, como você é engraçado. Quanto mais apertado... — e o vento cortou o final da frase. Sutúlin não respondeu. — Ou, quem sabe, você não...

Ele caminhou até a esquina e virou-se: a mulher conti-

nuava parada, apertando o regalo no peito, como um escudo; seus ombros estreitos contraíam-se de frio; o vento insolente fazia sua saia esvoaçar e brincava com as abas do paletó. “Amanhã. Tudo amanhã. Mas agora...” Apertando o passo com determinação, Sutúlin deu a volta para casa.

“Tem que ser já: enquanto todos estão dormindo. O negócio é pegar as coisas (só o essencial) e ir embora. Fugir. Escancarar a porta, e que eles também... Por que só eu? Que eles também...”

De fato, o apartamento estava sonolento e escuro. Sutúlin caminhou pelo corredor, para a frente e para a direita, e abriu resolutamente a porta. Como de costume, quis virar o interruptor, que ficava junto à entrada, mas este, girando impotente nos seus dedos, lembrou-lhe que a corrente estava interrompida. Isto era um obstáculo desagradável, mas ele não podia fazer nada; vasculhando os bolsos, encontrou uma caixa de fósforos: estava quase vazia. Isto significava que só poderia acender três ou quatro fósforos. Era preciso economizar a luz e o tempo. Chegando até o cabide, acendeu o primeiro fósforo: a luz arrastou-se em raios amarelos através do ar negro. Deliberadamente, vencendo a tentação, Sutúlin concentrou-se no pedaço iluminado da parede e nos paletós e túnicas pendurados nos ganchos. Sabia que atrás das suas costas estava o espaço morto quadraturinizado, cujos cantos negros haviam se arrastado para longe. Sabia disso e não se virou para olhar. Na mão esquerda o fósforo chegava ao fim, a mão direita arrancava as roupas dos ganchos e atirava no chão. Foi necessário riscar mais um fósforo; olhando para o chão, dirigiu-se para o canto — se é que ele ainda estava lá e ainda era um canto — para onde, segundo seus cálculos, a cama devia ter se arrastado, mas por descuido apagou o fósforo com sua respiração — e o deser-

to negro se fechou novamente. Restava o último fósforo: riscou-o várias vezes, sem resultado. Tentou mais uma vez — a cabeça soltou-se e escorregou dos dedos. Então, com medo de ir mais para o fundo, o homem deu meia-volta e moveu-se para trás, na direção da trouxa que jogara embaixo dos ganchos. Mas, pelo visto, virou-se na direção errada. Ele andava — passo a passo, passo a passo — com os dedos estendidos para a frente, e não encontrava nada: nem a trouxa, nem os ganchos, nem as paredes. “Eu vou chegar a algum lugar. Tenho que chegar.” Seu corpo ficou empapado de suor e frio. As pernas vergavam estranhamente. O homem agachou-se, colocou as palmas das mãos nas tábuas do assoalho: “Você não devia ter voltado. Assim só, como você está, tudo está perdido”. E de repente sentiu um choque: “Estou aqui esperando, e ele está crescendo, estou esperando, e ele...”

IMPRESSOALIDADE

Os moradores dos quartos que faziam limite com os oito metros quadrados do cidadão Sutúlin, sonolentos e amedrontados, não entenderam o timbre e a entonação do grito que os despertou no meio da noite e os fez correr para a porta de sua gaiola: para quem está perdido e fadado a morrer no deserto, é inútil gritar. Mas se apesar de tudo — contra todo bom senso — ele grita, então, com toda certeza, ele grita assim.

1926